

A SEMANA

CORTE
 Trimestre..... 28000
 Semestre 48000
 Anno..... 88000

PROVINCIAS
 Semestre 48000
 Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 300 RS

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	J. DO EGYPTO.
Jozé de Alencar.....	V. MAGALHÃES.
Um suicida de 15 annos.....	L. DE MENDONÇA.
Viver ás claras.....	ALFINETE.
Aqui, ali, acolá.....	DR. SAHÉN.
Um soneto de B. da Gama	C. MENDES.
Critica scientifica.....	
O processo das rosas.....	C. DE AZEVEDO.
Paginas esquecidas, « Ao	H. DE MAGALHÃES.
Mal das Vinhas».....	BIBIANO.
Contos a premio.....	A. MAGNO.
«O enterro».....	L. M. BASTOS.
Syrus, poesia.....	P. THALMA.
Côfre das graças.....	
Anjo, soneto.....	FR. ANTONIO.
Sport.....	
Theatros.....	
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Aos Srs. assignantes em atrazo que até o fim d'este mez não satisfizerem a importancia de suas assignaturas será irremissivamente suspensa a remessa da folha.

Os senhores que vierem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'A Semana por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A Semana, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A Semana por um anno, e sómente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARUARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.— Os senhores que assignaram A Semana por um anno, a terminar em Dezembro de 1885 receberão, segundo promettéramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 12 de Dezembro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A garotice que me fez no numero passado o meu insupportavel collega Filindal commoveu-me a tal ponto que eu,—que havia emigrado d'este quarteirão d'A Semana com a louvavel e firme resolução de não mais voltar,—eu quebro hoje o protesto feito e venho deliciar os leitores com a minha saudosa e scintillante prosa.

Era tempo. A chilrice deploravel das historias de Filindal ia fazendo naufragar A Semana. De cada numero notava o infatigavel gerente a diminuição de um exemplar na venda avulsa; e do numero passado verificou que se venderam menos duas folhas e meia. Além d'isso, depois que têm tido os sete dias a desgraça de ser historiados por aquelle Thierry de meia tigella, tem augmentado prodigiosamente o numero dos *cavaignacs*; o que demonstra que a prosa d'aquelle diabo além de fazer crescer a teleima no cerebro dos leitores faz-lhes tambem crescer *cavaignacs* nos queixos.

Uma calamidade, quero dizer: duas calamidades!

Attendendo a isso, acudo hoje precipite e suarento a salvar A Semana, libertando-a do seu archi-desenxabido chronista.

Rejubilae, pios leitores. Ides novamente gostar a fina pilheria irresistivel do mais engraçado Wolff d'estas praias guanabarinas de limpidas areias.

Filindal, estremece, ruge, morde-te e, se nos queres ser agradável, a mim e aos trinta mil assignantes d'A Semana,—rebeta p'ra ahi!

Amigo leitor, como o tratou a grrraude loteria da Corte? Mal, ein? Pois console-se commigo e com alguns milhares de pessoas mais. Olhe, conheço uma que comprou nada menos de 18000 de bilhetes e sahiram-lhe todos brancos.

Você conhece os meus principios... Sabe com que odio feroz guerreio a loteria; tem lido (não negue!) tem lido os meus indignados artigos contra esse Protheu loterico de mil braços, sustentado pelo governo a bem do Thesouro e por mal da publica moralidade.

Devia portanto ter estranhado que até eu, que tambem eu me houvesse habilitado.

E' mais uma patifaria de Filindal. Este biltre decididamente ha de dar commigo no Cajú ou no Instituto Historico!

Pois foi elle. Passavamos ante-hontem por frente de um kiosque, em cujas vidraças se viam os poucos bilhetes restantes.

— Olha, disse-me elle. Se nós nos habilitasse! (Não é forte em grammatica, coitado!) Cá está um numero de encher o olho.

Eu não quiz. Mas o demonio taes tentações, taes labias empregou que eu lá cahi com os meus dois mil setecentos e cincoenta reis para a motade de um meio. Até agora, que me conste, nenhum de nós é o capitão Santos, de Santos, quer dizer: nenhum de nós tirou a sorte grande, os taes 500 contos, que os diabos levem... para a minha casa.

A estas horas está eleita grande porção dos Solons da Praia Grande.

E' excusado dizer que foram eleitos conservadores a dar com um páu; metaphora esta que é muito mais verdadeira do que á primeira vista parece.

Não é só a provincia que está satisfeita com este grande acontecimento. O paiz inteiro rende graças aos céus porque mais uma vez o Macico, o S. Sebastião do Alto, a Sacra Familia, o Paty do Alferes e outros estadistas de matto dentro, vão se fazer ouvir sobre as gravissimas questões que agitam o paiz e os narizes dos boticarios politicos das referidas localidades. Deus proteja a Salinha e St. Huberto os perdigotos.

Os capoeiras e os suicidas multiplicam-se diariamente, com aquella abundancia com que o Senhor multiplicou a descendencia de Abrahão.

E' curioso: depois que subio á boléa da caleça do Estado o «partido da ordem», tem andado tudo em uma desordem de mil diabos.

Os jornaes apparecem quotidianamente replétos de noticias de—disturbios, capoeiragens, facadas, furtos, arrombamentos, assassinatos, suicidios... todas as formas imaginaveis da *desordem*. O Jornal passou a noticiar as proe-

zas dos *negões* e *guayamís* com esta expressiva epigraphie: « Ainda e sempre os capoeiras. » Aquelle *sempre* é sumamente lisongeiro para a reputação do Sr. desembargador chefe da nossa *despolícia*.

As proezas capoeiricas sômente são comparaveis em numero—aos suicídios.

Velhos e crianças, brancos e pretos— todos suicilam-se! O suicídio está se tornando mais popular do que a *caninha*, e amanhã ou depois algum actor divertido representará uma scena comica com o titulo *Todos suicidam-se!* para substituir a estafada *Todos bebem*.

Porém de quantos suicídios têm ultimamente occorrido nenhum mais lamentavel, mais compungente do que o d'aquelle infeliz José Castilho, menino de 13 annos de idade, caixeiro da *Casa do Ayres*, na rua 7 de Setembro. Em artigo especial occupa-se hoje com esse triste assumpto o director d'esta folha.

Se *A Semana* tivesse a importancia do *Jornal*, da *Gazeta* ou *Diario de Noticias* ou do *Paiz*, faria uma obra de caridade, que, a todos agradando, daria á folha que a fizesse a consagração da estima publica e a gratidão de alguns infelizes. Referimo-nos aos irmaos do pobre suicida, a esses desgraçados orphãos que, segundo aquelle declarou em sua carta, estão em condições mais que precarias.

Não seria talvez difficil descobrir ou le páram elles, e protegel-os, collocando-os ao abrigo da miseria. Fora acção generosa e das que mais honra e sympathy pôdem dar a um jornal, inteiramente compenetrado da importancia da sua missão. Mas, fraca e humilde como é, o mais que *A Semana* pode fazer é aventar a idéa. Ella ahí fica, illustrados collegas.

Já entraram no exercicio dos cargos de delegados de policia para que foram nomeados, os Srs. Drs. Hermenigildo de Almeida e Carlos de Gusmão. Ambos são formados em Direito, com borla e capello. Um é magro e de estatura media, tado barbado, tímido, muito tímido, olhos grandes, que geralmente olham de soslaio; é reservado, intelligente, molesto e sobretudo desastrado. O segundo é alto, bem encarnado, quer dizer: quasi gordo, voz imperiosa, emphatica, um pouquinho fanha, energico, *poseur*, oculos de vidros escuros, *cavaiguac* basto, (que desgraça: *cavaiguac!*), cabelleira pretenciosa, caracolada, estudioso, ambicioso, um pouquinho vaíoso, mas em fundo—excellente rapaz. Ha de fazer figura.

Já começou mesmo a se tornar saliente prentendo capoeiras e reprimindo um grande *rolô* que houve ha dias no Sant'Anna.

Desejamos a ambos os jovens delegados todas as felicidades e que persigam ferozmente estes dois pavorosos inimigos da nossa população:—o jogo e a capoeiragem.

A *Gazeta da Tarde* de ante-hontem deu em *ultima hora* noticia de um horroroso e duplo crime commettido no Rio Bonito ha dias, e encabeçou-a com os seguintes dizeres:

« ASSASSINATO »

SCENA DE SANGUE

Duas pessoas feridas

E' o caso que um tal Raphael de tal, de 20 e poucos annos de idade, apaixonou-se damnadamente pela esposa do Sr. capitão Antonio Ribeiro, e a tal ponto que uma tarde penetrou por uma janella no quarto em que se banhava aquella senhora com uma filha de

12 annos e «procurou violenta-a ou á pobre criança» (sic). Nada conseguindo, brandiu uma foice, que levára consigo, e degolou a senhora com um só golpe, e ferio gravissimamente a criança. Depois saltou a janella e lá se foi para o matto com a cabeça de D. Maria na dextra e a foice na sinistra.

«Antes de ahí chegar, foi-lhe encontrado um filho da desgraçada senhora, e Raphael, não se tendo saciado no sangue indefeso que derramara, desfechou no pobre moço uma foçada, que quasi decepou-lhe o braço esquerdo pela região da clavícula.»

Depois embrenhou-se no capoeirão, atirou para dentro do matto a cabeça da pobre senhora e... deu ás de Villa Diogo. Mas, afinal, foi preso pela policia riobonitense, que não é para graças.

Eis ahí uma noticia de arripiar o cabelo a uma bola de bilhar!

Irta! que trenebundissimo crime! e que Lacenairesinho de se lhe tirar o chapéu! *Horresco*—trezentas vezes!

E' possível, é mesmo provavel, que tola essa rocambolesca historia seja verdadeira; mas palavra que parece mentira!

A ser a expressão da verdade nua e crua, propomos que se mude o nome da sanguinolenta villa de Rio Bonito para—*Rio das Mortes*.

Safa! Estou todo arripiado de horror! Preciso rir-me um pouco: vou ver o *Conde de Monte Christo*.

JOSÉ DO EGYPTO.

José de Alencar

Completam-se hoje oito annos que falleceu o glorioso auctor do *Guzrany*, das *Minas de prata* e de tantas outras obras primorosas, que foram as primeiras pedras do edificio hoje ainda em meio, da nossa litteratura. Curvamo-nos reverentes e entristecidos ante o tumulo do illustre romancista brasileiro, apenas consolamos da perda do escriptor pela consciencia da immortalidade da sua obra.

Um suicida de treze annos

De quantos occorreram na semana o facto que mais viva e profundamente interessou e commoveu a nossa população foi sem duvida o suicidio d'esse pobre menino, caixeiro na casa n. 119 da rua Sete de Setembro.

Tinha 13 annos, e enforcou-se! Porque?

Os commentadores da imprensa diaria attribuiram a varias causas efficientes esse tristissimo facto. Um d'elles, escriptor de nota,—espírito independente e culto—a tal ponto se horrorizou, que não poude impedir estas exclamações, de uma philosophia tão cruel quanto banal:

« Mas, piedade á parte, que homem daria uma criança que pensou em morrer, na idade em que as outras crianças só pensam em brincar? Que trinta annos dariam aquelles treze annos? »

E teve porventura culpa essa criança de ser orphão de pae e mãe? de não ter no mundo um amigo? de viver abandonado e sózinho, na idade em que a protecção e a convivencia são indispensaveis? teve ella culpa de a haverem submettido á dura canga do tra-

balho commercial, explorando-lh'o, gozando-lh'o, sem recompensal-o, nem sequer com a roupa e o calçado? Como não havia de pensar na morte esse desgraçadinho?

A carta que elle deixou é, na sua triste singeleza, um longo poema de dor, e tambem documento preciosissimo, que attestarâ mais tarde o sordido mercantilismo d'esta epocha e a grande desgraça que sempre foi a orphandade na infancia.

Registremol-a integralmente, sem lhe alterar nada; apenas,—pondo em caracteres italicos os topicos mais importantes:

« Eu vou dizer o que sinto dentro do meu coração. Eu vou fazer uma asneira, conheço que é, mas é por causa de eu pensar de mim e de meus irmaos. *Eu eston empregado, trabalhando para uns e para outros de graça, e eu sem lenços para assoar, sem botinas para calçar, sem dinheiro para o bond.*

« *E uma vez vim a pé da rua da Real Grandeza, em Botafogo, á rua Sete de Setembro n. 119. Ora... isso... bem pensado, não é para se ter pena e doer o coração: E, depois, ver meus irmaos desgraçados, sem ter, coitados, roupas para vestirem, e sabe Deus sem comida para comerem, coitados.*

« E eu me lembrando d'isto tudo e não tendo para socorrer, não tenho coragem de vê-los n'esta triste miseria e por isso mato-me porque não penso em mais nada, e o mais adeus.

« Lembranças a quem por mim perguntar. »

O soffrimento apressa a virilidade, faz homens precoces.

Esse pequeno—sem conselhos de pae, sem caricias de mãe, pobre, desamparado, entregue, não sabemos por quem, a estranhos de coração endurecido no frio traquejo do commercio, separado de seus irmaos, tão infelizes como elle, mal vestido, quasi descalço, apenas alimentado, talvez maltratado mais do que por palavras,—esse pequeno, na idade em que os outros pensam em brincar, só podia pensar em morrer.

Muito cedo emmu leceu naquella alma-sinha o matinal concerto das alegrias infantis; muito cedo encrepusculou-se a aurora risonha d'aquelle coração; muito cedo aquella intelligencia entrou a pensar nas durezas da vida e nas injustiças dos homens.

Aos treze annos era um vélho. A dor centuplica os minutos. Se elle fosse um máu, se o seu caracter fosse perverso, elle, em vez de se matar, a si, teria pensado em matar aquelles que, em proveito proprio, lhe roubavam a sua fortuna, o que elle tinha de mais precioso:—a infancia. Teria pensado em fugir aos exploradores da sua fraqueza, e em ir buscar longe, por quaesquer meios, um pouco de liberdade, um pouco de ar, um pouco de luz.

Mas elle, coitado, bem sabia qual é nesta terra o futuro dos infelizes que, como elle e seus irmaos, não têm pae nem mãe.

Além d'isso, a idéa da morte é para os que soffrem como um protector discreto, como um amigo risonho e manso que frequentemente nos visita. Não assusta: acaricia, seduz, attrae.

Vieram-me lagrymas aos olhos ao ler o topico em que, depois de haver dito que fizera uma vez a pé o trajecto da rua da Real Grandeza, em Botafogo, á rua Sete de Setembro, a pobre criança escreveu: « Ora... isso... bem pensado, não é para se ter pena e doer o coração?... »

E' sim, pobre criança, é para doer o coração de quem o não tenha empedernido no egoismo ganancioso da vida mercantil. Teus patrões, infeliz José

Castilho, julgavam talvez que de sobejo pagavam o teu trabalho—não te deixando morrer á fome. Pensavam de accordo com o seu tempo e com as condições do paiz em que vivem.

Não os inculpamos por isso. Além de que, esse miseravel, na epocha presente, em que tudo se faz pela protecção e pelo empenho, não tinha nem pae, nem mãe, nem protector. Que mais tinha elle direito de esperar do que o prato de carne e arroz para po ler continuar a arrastar a sua vida sem risos nem beijos, a sua vida de cão sem dono? E era muito!

Não se encontram na rua pratos com carne nem camas, embora duras. E elles, os patrões, podiam polo na rua quando quizessem!

Ah! bem vêdes que eram generosos e magnanimos.

José Castilho é que era perfido e ruim e ingrato e indigno da «presença de Deus», como disse o alludido escriptor.

Fizeste bem enforcando-te, *monstro-sinho*.

No momento em que te estrangulavas, a deshoras, no fundo escuro do grande armazem fechado em que tu estavas, *sósinho*, nesse momento em todo o mundo, ninguem acarinhava no pensamento a tua imagem, ninguem beijava o teu nome—pronunciando-o—, ninguem! a não ser talvez algum dos teus irmãos, tão orfãos, tão nús, tão desgraçados como tu.

Bem vê o leitor: essa criança fez bem em matar-se. A vida não é cousa tão preciosa que valha a ausencia de pae, demãe, de irmãos, de amigos e de protector.

A vida só é um bem quando floresce plantada em um coração; sem o amor a vida não é um bem: é um castigo.

E que havia feito aquelle menino para soffrer castigo tão crú?

Pobre suicida! Miserrima criança! Ah! leitora, se em vida ella não merecia um par de sapatos, agora parece-me que merece uma lagrima.

Chorem-n'a os teus olhos sobre a memoria do pequeno José; se elle houvesse merecido em vida a felicidade suprema de uma lagrima, não a verterias agora sobre a sua cova rasa, piedosa leitora, que és mãe.

E a patria teria talvez mais um filho para servir-a e honral-a.

Dezembro, 10.

VALENTIM MAGALHÃES.

A democracia inclina-se muito a crêr que póle dispensar o espirito.

FR. SARCEY.

VIVER ÁS CLARAS

Meu caro director d'A Semana.

No penultimo numero d'esta revista, Marcos Valente, dando noticia das *Cartas Sertanejas*, faz-me a amabilidade de declarar que acha injusto o modo como me tracta o auctor d'ellas—«por motivos que não vem a pello indagar.»

Eu é que não posso deixar em obscuridade taes motivos, que se reduzem a este unico, pára mim altamente honroso—haver eu, como re lactor do *Colombo*, em artigo elictorial, escrupulosamente cortez, intervindo em de-

feza dos meus illustres correligionarios, os republicanos paulistas, aggrados pelo auctor das taes *Cartas*.

Não houve nenhum outro motivo para as *amenidades* que me remetteram as *Cartas Sertanejas*, e com que eu muito me ufano.

Com a publicação d'estas linhas fará favor ao

Seu collaborador e amigo,

LUCIO DE MENDONÇA.

Debalde procuraremos collocar-nos fóra e acima da multidão; em fim de contas é para a multidão que escrevemos.

AFF. DAUDET.

AQUI, ALI, ACOLA'

Um sabio astrologo (ainda os ha!) vae publicar proxicamente uma curiosissima obra, contendo predições para a maior parte das celebridades contemporaneas.

Trasladamos alguns extractos, publicados pelo excellente hebdomadario pariziense *Les annales*:

—O principe Jeronymo Napoleão, por haver nascido sob o 18º grau do signo da Virgem, em anno de Venus, no cyclo d'este planeta, etc... deve ter um caracter irascivel, duro, áspero e vingativo. Morrerá de morte violenta a 3 de Setembro de 1907.

—O principe Victor, seu filho, morrerá tambem de morte violenta, *provavelmente* de uma queda de cavallo ou de carruagem, no dia 9 de março de 1916.

—Tambem violentamente perecerá o Conde de Pariz a 16 de Abril de 1898.

—Grévy, o presidente da Republica, nascido a 15 de Agosto de 1807, morrerá a 5 de Fevereiro de 1900.

—Leão XIII fallecerá de morte violenta a 4 de Julho de 1886. Pobre papa! Poucos mezes tem de vida. E' aproveitall-os, Sanctidade!

—A rainha Victoria morrerá em um incendio, ou em consequencia de um incendio, a 10 de Setembro de 1889.

—O principe de Galles succumbirá, depois de um movimento revolucionario, a 20 de Janeiro de 1891.

—O imperador da Russia em 1900.

—O imperador da Allemanha está ameaçado por inimigos occultos e poderosos, secundados por terriveis inimizadas de mulheres. Morrerá a 10 de Julho de 1890, com a idade de 93 annos, tres mezes e 18 dias.

—O principe de Bismarck—*provavelmente* assassinado—precederá no tumulo seu augusto amo, de quarenta e um dias; sua morte será, portanto, a 30 de Maio de 1880.

Guardem os nossos leitores estas datas para verificar, a seu tempo, as prophcias do astrologo.

Um astronomo amador, de Teramo, na Italia, o Sr. Pemignani, disse haver verificado sobre o planeta Marte a existencia de pontos luminosos, muito brilhantes, que mudam methodicamente de logar, como dirigidos por mão intelligente. Esses pontos luminosos são, na opinião do tal astronomo—signaes telegraphicos feitos pelos habitantes de Marte á terra, sua visinha. Até hoje não conseguimos,—nós, os habitantes da terra—ler os taes signaes telegraphicos; mas—affirma-o outro sabio, o Sr. Nizardi—havemos um dia de conseguil-o.

Tudo isso veio muito seriamente publicado na *Revista Scientifica*, de Napoles.

Segundo affirma um constructer americano de machinas de impressão, deverá dentro de poucos annos ser o prólo mecanico substituido pela impressão por meio da photographia.

O primeiro problema seria estabelecer uma prova negativa de uma columna de jornal e de fixal-a com um jacto de luz electrica sobre o papel, que seria desenrolado com tal rapidez que se tirariam 100 provas por segundo ou 360,000 por hora.

A primeira difficuldade consistiria em achar um papel muito sensivel á luz e barato; mas tal difficuldade não é invencivel.

«A previsã» do constructer americano—diz o jornal donde extrahimos esta noticia—é mais seria do que a principio póle parecer. Ha dez annos ninguem acrolitaria que fosse possível fixar uma prova photographica em 1/500 de minuto; e não ha talvez cincoenta annos que o impressor que houvesse prolicto aos seus confrades que se chegaria um dia a tirar 20,000 jornaes por hora, por meio do prólo rotativo, teria sido declarado doído. E, no entanto, esse algarismo nada tem de exagerado.»

Lembramos tambem que o *Petit Journal*, ha dois mezes, por occasião das eleições, fez uma edição de um milhão de exemplares.

Já deve ter chegado ao Jardim das Plantas, de Paris, um *naja*, anctosamente esperal-o.

O *naja* é uma serpente que se tornou muito rara—felizmente!—mesmo nos arredores do Cabo, onde ainda se encontra a sua formidavel especie. O comprimento d'este medonho reptil póle ser até de 15 pés, e é talvez a mais venenosa e terrivel das serpentes.

O effeito da sua peçonha é fulminante.

Acaba de ser descoberta um t planta electrica, que foi denominada *Phytolacca electrica*. A seis metros de distancia d'ella, a agulha imantada agita-se de modo extraordinario. Sobre ella não pousam passaros nem insectos.

Segundo se lê nos ultimos jornaes francezes, está definitivamente resolvido o problema da navegacão aerea. As ultimas experiencias feitas no *Camp de Chalais* pelo capitão Renard com o balão dirigivel, de que são inventores aquelle capitão e o capitão Krebs, foram definitivas; corooou-as o melhor resultado.

Que se aprêse o nosso patricio, Sr. Jnlío Cesar. Urge que elle faça a experiencia decisiva do seu *Santa Maria*. Que Ella o proteja e o faça vencer Amen.

Em Janeiro do proximo anno effectuar-se-á a eleição do presidente da republica franceza. Acredita-se e parece certo que, aceitando Grevy—como declarou aceitar—uma nova presidencia, e como a escolha de seu successor seria muito difficil, será reeleito Grevy.

A proposito do casamento da princesa Beatriz occuparam-se muito os jornaes inglezes com a fortuna da familia real de Inglaterra. Esta fortuna é consideravel, a julgar pelo testamento que a rainha Victoria acaba de tornar conhecido. Sem contar as riquezas que ella pode ter como imperatriz das Indias.

sua fortuna particular é calculada superior a cem milhões de francos (40,000 contos,) sem contar as suas propriedades no Aberdeenshire, onde a rainha possui 33,000 acres de terra, o castello de Claremont e os Estados d'Osborne.

O coronel Du Bange o inventor de um canhão prodigioso, acaba de ser nomeado pela rainha Victoria cavalleiro da Ordem do Banho, reservada ás testas coroadas e aos marechaes em chefe. Em França ha apenas tres cavalleiros d'essa ordem: Mac-Mahon, Canrobert e agora o coronel Du Bange.

E' ocioso accrescentar que no Brazil não é ainda cavalleiro d'essa Ordem o nosso collega da *Musa do Povo*.

ALFINETE.

UM SONETO

ATTRIBUIDO A BAZILIO DA GAMA

O lindo soneto que em seguida publicamos é attribuido ao nosso notavel poeta José Bazilio da Gama. O Sr. Dr. Joaquim do Carmo, illustrado reitor do Externato D. Pedro II,— a quem devemos uma copia do soneto em questão,— decorou-o ha annos, como da lavra do auctor do *Araguay*; entretanto, tendo-o mostrado a varios escriptores nossos, nenhum d'elles lhe disse conhecê-lo, nem soube a quem attribuiu-o.

Eis um curioso problema litterario: descobrir o ver la leiro auctor do soneto attribuido a Bazilio da Gama. Esperamos que elle despertará a attenção dos competentes e de quantos se interessarem por questões desta ordem, e que se dignarão de nos communicar o que a respeito souberem.

Eis o soneto:

Alegre pintasilgo, flor vivente,
Não cantes lisongeiro a um desgraçado;
Suave fontezinha, alma do prado,
Não corras: acoimpinha um descontente.

Se ahí, n'esse raminho, alegremente,
Cantando zombias de meu triste fado;
Se aqui, entre estas penhas, sem cuidado,
Murmúras rindo de quem chora ausente,

Tem lastima de mim, em breve espaço;
Voa, corre a saber de um bem que adoro,
Sem que os longes vos sirvam de embaraço;

Para o que, doce Orpheu, crystal sonôro,
Voa tu com as penas que aqui pisso,
Corre tu com as lagrimas que choro.

JOSE' BAZILIO DA GAMA. (?)

CRITICA SCIENTIFICA

O Sr. Dr. Clemente Ferreira, habil clinico de Rezende, moço que deixou traços luminosos da sua passagem pela Faculdade da Medicina do Rio de Janeiro, enviou-nos mais um trabalho seu: *Contribution à l'étude clinique des applications thérapeutiques de l'antipyrine*.

E' uma brochura de 65 paginas, recheada de 17 observações de febre remittente palustre, febre remittente typhoidea tambem de origem palustre, de febre intermittente palustre, de bronchite aguda, de bronchopneumonia, de tuberculose pulmonar no segundo e terceiro periodo, de endometrite hemorrhagica sub-agu-

da, etc., etc., etc., observações de sua clinica que provam o bom resultado colhido no emprego da dimethylxiquinazina.

Lemos com cuidado o seu bem elaborado trabalho e notamos o consciencioso estudo a que se entregou sobre a applicação da *antipyrina*.

O illustrado clinico ha de, porém, acitar a opinião de que, se a substancia que com tanta proficiencia estudou e experimentou não produz mais do que os efeitos citados, não nos veio prestar relevantes serviços, por já termos outros que são nossos antigos conhecidos e que nos servem com energia e vigor em occasiões identicas ás desenvolvidas nas suas valiosas observações.

Antes do Sr. Dr. Clemente Ferreira dar á luz a sua monographia, já tivemos occasião de experimentar a antipyrina, animados por um bom trabalho do Sr. Dr. Vieira de Mello, em dois casos de tuberculose pulmonar sem resultado lisongeiro.

Em ambos os casos, a tuberculose estava no começo do terceiro periodo; havia apyrexia matutina e calafrios muito pronunciados, febre intensa das 4 e das 6 horas da tarde, em deante, terminando em abundantissimos e profusos suores para a madrugada.

Não queremos oppor apenas estes dois casos ás 17 observações apresentadas pelo moço habil e estudioso, mas que sirvam ao menos para demonstrar que estudamos a substancia e applicamos-a tambem como simples experiencia, por que não queremos que ella tire o logar das que são já bem conhecidas e que, como já dissemos, prestam ilustres ou melhores serviços.

Agradecemos ao Sr. Dr. Clemente Ferreira a sua boa offerta, acclitamos que o estudo medico do nosso paiz muito tem a esperar do seu concurso, e pedimos permissão para consignar aqui as seguintes palavras do abalissado e querido mestre:

«No começo da minha carreira paguei ás novidades o tributo que pagam todos os medicos novos que se dedicam com ardor ao estudo dos livros: as doutrinas mais recentes, as experiencias mais modernas, as substancias medicamentosas até então desconhecidas e preconizadas no tratamento de certas molestias, eram logo abraçadas e preferidas. As frequentes decepções por que tive de passar foram-me ensinando que mesmo em materia de sciencia nem tudo que brilha é ouro, e hoje estou convencido de que a Europa, ao lado de esplendidas conquistas alcançadas nestes ultimos vinte annos nos diferentes ramos de conhecimentos humanos tributarios da medicina clinica e de que ella se tem aproveitado em beneficio dos doentes, tem-nos mandado como innovações muita coisa inutil, muita banalidade, muitas inexactidões e muita fantasia.

A nos brasileiros, que ainda não podemos nos libertar da tutela scientifica do velho mundo, compete com a experiencia e a reflexão separar o joio do trigo.»

DR. SAMEN.

O PROCESSO DAS ROSAS

(TRADUÇÃO DE R. PORCUNULA)

No jardim do hospital dos alienados, onde voa por entre os raios do sol a neve alba das borboletas, passeia um louco, ainda moço. E' pallido e sympathico. E' quanta tristeza no seu olhar vago! Para deante de uma roseira brava

e colhe uma rosa; para entre duas roseiras e colhe de uma uma rosa-chá e da outra uma rosa-musgo.

Sobre um banco de madeira, na volta de uma rua, colloca as tres flores colhidas.

Diz á rosa brava:

— Rosa, responde! E's accusa-la de teres, quando eras moça, abandonado sem misericordia uma pobre e triste creança, que te a lorava, para desposar um velho, que era rico. Que tens a dizer em tua defeza?

Elle ouve a resposta e replica:

— Foi ouvida a defeza. Condemno-te.

Diz á rosa chá:

— Rosa chá, responde! E's accusa-la de teres no tempo em que eras mulher jovem e mundana, desesperado, torturado pelo manejo infame dos sorrisos mentirosos e dos consentimentos retractados, um infeliz rapaz, cujo coração batia ardentemente só por ti. Que tens a allegar em tua defeza?

Elle ouve a resposta e replica:

— Foi ouvida a defeza. Condemno-te.

Diz á rosa-musgo:

— Rosa-musgo, responde! E's accusada de teres, no tempo em que eras uma bella rapariga que venha beijos e risos, enlouquecido com as tuas perversas caricias e arruinado e envidado um homem desgraçado que pedia aos teus seios, ondas que adormecem, e aos teus labios que embriagam, o esquecimento dos desesperos antigos. Que tens a dizer em tua defeza?

Espera a resposta, e replica:

— Foi ouvida a defeza. Condemno-te.

Feitos estes julgamentos, tira do bolso um lindo instrumento complicado, feito de madeira das ilhas e de luzente aço. E' uma pequenina guilhotina, que, seismando, elle fabricou nas suas horas vagas.

Alternadamente, sobre o diminuto cepo collocou a rosa brava, a rosa-chá e a rosa-musgo, uma após outra, sob o cutello, que desliza e decepa, as flores, separadas das suas hastes, rolaram na areia da rua.

Levanta-as do chão e examina-as detidamente.

Vae para o fundo sombrio do jardim, ali onde não passa ninguem, abre na terra com os dedos uma covinha, põe nelle as tres supplicadas, e cobre — as de areia e folhas de acacia.

Depois ajoelha-se e chora até— a noite sobre o tumulo das rosas culpadas.

CATULLE MENDÉS.

PAGINAS ESQUECIDAS

Na *Semana Illustrada* de 5 de Janeiro de 1868 foram publicadas por «*um admirador do genio*» umas engraçadas oito oitavas ao famoso e nunca esquecido *Mal das Vinhas*. Reproduzimos-as com as «duas palavras com pretensões a prologo», de que as fez preceder o auctor. E' uma exaivação que certamente nos hão de agradecer os leitores.

Não podemos furtar-nos a uma pequenina, embora incompleta indiscrição: o *Admirador do genio* é o applaudido poeta e presador, o velho Dr. José Maria.

«Sr. Redactor da *Semana Illustrada*.
Duas palavras com pretensões a prologo.

Muito tempo ha que do chão do meu humilde lavor ergo-me extasiado diante de um dos inventos humanitarios do flammejante e archi invencioneiro *Mal das Vinhas!* E que grandiloca e altisonante progressão de inventos e descobertas tem brotado do cerebro volcanico e pantagruelico desse portentoso e campanudo mixto, a que a gratidão da humanidade tem feito conhecer legendariamente pelo epitheto echoide e saludador de *Irmão universal!* Desde a caporosa até a seringa, como methollo de substituição; desde o meio impervio ou *anabasartico* e a *unha da gran besta* até a *raiz do queijo* e a *raiz da minha minha*, que trophéus de gloria não tem erguido o immortal humanitario?! Quiz tecer-lhe uma coroa, não encontrei a *raiz do ar*, unica preciosidade, que me parecia prestar-se a esse mister sublime; na falta de mais estúpida e bombardatica demonstração de respeito e de veneração ao briaren multiforme e brachiologico descobridor da pedra philosophal dos tempos novos, appliquei-lhe uma das oitavas mais sentimentaes do sublime episodio do grande epico portuguez, e com ella fiz uma *onça de versos*, que tanto valem oito oitavas. Eil-as! estampae-as, se as julgardes dignas do heroe polypharmaco, o Bayardo das raizes, o Mephistophelis daservas seccas. Aceite, Sr. redactor, este soliloquio do

Admirador do genio.

MOTTE

O' tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se te humano é matar uma donzella
Frac e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencer-a)
A estas criancinhas tem respeito;
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua e minha;
Pois te não move a culpa, que não tinha.

GLOSA

Nem Achilles, Enéas, nem o Gama
Merecem occupar as noites minhas;
Mais alto assumpto minha musa inflamma,
Que eu vou cantar-te em verso, *ó mal das vinhas!*
A caparosa deu-te o nome e a fama
De *irmão universal*, que antes não tinhas:
Mostra, pois, da *bisnaga* o raro effeito,
O' tu que tens de humano o gesto e o peito.

Tiveste dô da fraca humanidade,
E contra um grande mal remedio achaste.
Hoje, lutas, desordens, quem ter ha de,
A' vista do remedio que encontraste?
Se a esposa alguém tratar com crueldade,
Dize-lhe tu, que o methodo inventaste:
Porque a matas? cruel? pergunta a ella
Se é de humano matar uma donzella.

E que direi da *herculana mana?*
A preclara varôa dos herbarios!
Que acerca das raizes, a magana
Sabe mais que um milhão de boticarios;
Ella, que antes da Hida era *herculana*,
Tem soffrido do heroe encontros varios:
Mas tudo atura, estando com effeito
Frac e sem força, só por ter sujeito.

Se assim tanto do irmão soffre a mesquinha,
Tambem gosa os triumphos vinhateiros,
Que não pode daservas ser rainha
Quem não roça o nariz nos espinheiros.
Quem da grande *bisnaga* e *minha-minha*
Pôde colher os fructos verdadeiros,
Podia dar sem susto e sem cautela
O coração a quem soube vencer-a.

Umaz criancinha tinha o Anthéu das curas,
Como caixeiros seus na loja antiga;
Muitas vezes, crueis descomposturas
Elle tinha co'a mana em dura briga;
Ella, mostrando as pallias figuras,
Dizia-lhe: herbarario d'uma figa,
Nessa lingua feroz guarda preceito,
A estas criancinhas tem respeito.

Veio á luta pôr termo uma deidade
Trasendo a mãe ao lado, pobre e enferma;
E do queijo a raiz, por caridade,
Pede que applique á misera estaferma:
Rua! grita-lhe o Freitas, com impiedade,
Fôra! fôra d'aquí esta palerma!...
Tem então dô de mim, diz-lhe a donzella,
Pois a não tens á morte escura d'ella:

Não a deixes morrer, pobre, coitada!
O' tu dos vinhateiros salvaterio!
Queres deixar a misera oppilada
Ir assim desta vez p'ra o cemiterio?
Tens do queijo a raiz tão afamada,
Dá-lhe ao menos *bisnaga*; o caso é sério!
Dá-lhe a raiz do ar, dá-lhe a quiminha,
Mova-te a piedade sua e minha.

Já commovido, o heroe da caparosa
Do rosto juvenil ao doce effeito,
Sim!... em nome da mãe deliciosa,
Da *arnica* e da *bisnaga* mostra o geito:
Expondo á nympha a *incenção pasmosa*;
Diz-lhe: a meus publicados tem respeito,
Mova-te á piedade a *minha-minha*,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CONTOS A PREMIO

(Vide n. 47 d' *A Semana*)

Para este concurso em prosa, por nós instituido e que deverã encerrar-se no dia 14 de Fevereiro do anno proximo, recebemos mais os contos dos seguintes senhores: Soares de Souza Junior, (2) *Busilis*, e G. C. (S. Paulo.)

O ENTERRO

Carecendo de um scenario para a aventura tragica que, ha não pouco tempo, recebi já em estado de lenda, fiz no meu contosob titulo «O Enterro», descripção de uma parte da villa do Rio Bonito.

A peripecia intercala-la em a modesta narrativa, não teve logar n'aquella terra, nem por minha parte houve referencia alguma.

Tomei ali o que a ninguem pertence: —arvores, casas, céu, aspecto physico; descrevi cerimonia de ritual, sem especialidade denunciante.

Melin tre respeitavel con luz-me a esta explicação, além do interesse em desmontar conjecturas maliciosas para cuja vida não deve concorrer, em respeito á minha probidade litteraria.

CYRO DE AZEVEDO.

SYRIUS

Syrius, fulgido astro, ó rivedo diamante!
—Que és como rosa de oiro em campo azul perdida,
Dá-me teus raios, dá-me a tua luz radiante!
Que, com tal tinta, eu quero escrever neste instante
Ao anjo que idolatro uma canção florida!

Não temas derramar sobre mim teus fulgores
Lá da azulina esphera!
Como me ha de cegar tua luz opulenta,
Se cego não fiquei ao ver os esplendores
De seu doce sorrir, que, como a *Primavera*,
Os passaros alegre e as flores arizenta!

Assim como não sinto, ó *nenuphar* do *Empyreo*,
Inebriar-me o odor das violetas mimosas,
Desde que vi-lhe o labio—ensanguentado *lyrio*,
Cheio de aromas,— como as urnas primorosas;

Assim como não sinto encanto já das aves
Nas volatas joniaes, na garrulice harmonica,
Desde que ouvi-lhe a voz, que, como *frauta orpheonica*,
Prende as almas, encanta, em seus threnos suaves;
E faz com que se pense, entre harmonias celticas,
Em extasis ouvir,—ao som das notas graves
Das harpas de marfã, — choréas archangelicas;

De equal modo, acho fraco o teu fulgor, ó astro,
Desde que vi fulgir, como arroubante luar,
— No lucido alabastro

Do bello rosto seu,—cujo pallor encanta,
Do seu radioso olhar
— O resplendente rastro,—
Deslumbrante arrebol,
Que, como a luz do sol,
Faz reflorir a planta

E é de minh'alma escrava o brilhante pharol,
— A estrella sacrosanta,—

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Côrte, 27 de Novembro de 1885.

Verdadeiros parizienses acabam sempre por entender-se.

FR. SARCEY.

COPRE DAS GRAÇAS

A mulher em tres verbos:
Donzella: *Reservada*.
Esposa: *Observada*.
Velha: *Conservada*.

Entre damas:
— Aquella Sra. D... que vibora!
— Coitada! não é assim tão má: se procura morder é para que se acredite que ella ainda tem dentes.

Em uma aula de portuguez:
Mestre.—Menino Affonso, o gerundio dos verbos é variavel ou invariavel?
Menino.—E' invariavel; com uma excepção: a do verbo amar.
Mestre.—Como assim?
Menino.— Sim, senhor: amando, Amanla.

No Instituto dos Surdos-Mudos, na festa da distribuição dos premios:
O Dr. Menezes Vieira faz um dos surdos-mudos responder verbalmente a algumas perguntas.

A voz do menino, como a de todos os surdos-mudos, é guttural, exquisita. Isso fez um Calino presente exclamar:

— Este é allemão; tem todo o suta-que germanico.

BIBIANO.

ANJO

Anda no céu o som da castanhola:
O espaço inda se ri de vel-a e ouvil-a...

L. DELFINO.

Anda um par de phalenas doudejante
No ar, buscando o rosto seu mimoso:
Céu,—onde luz com brilho esplendoroso,
O seu olhar, - planeta lucilante !

Som de psalterio é o echo melodioso
Da sua voz ; seu passo é estalitante
Castanhola festiva, que, vibrante,
O espaço fere e nos convida ao gozo...

Inda a mesma ella é : seu labio quente
Se ri co'a mesma graça voluptuosa
De ou' rora ; é sempre bello o seio ardente !...

Vel-a, é melhor que ver se alva Hecthaira,
E, ao modular da falla sonora,
Ouvil-a, é como ouvir sons d'harpa e lyra.

ASCANIO MAGNO.

SPORT

A inauguração do Hippodromo Fluminense, no dia 8 do corrente, foi uma festa que attrahiu uma completa enchente e corren na melhor orlem possível, retirando-se to los satisfeitos com a digna directoria e com o resultado dos pareos.

Foram estes disputados com a maior lisura e ganharam os animaes que deviam ganhar, sendo merecedores de applausos não só os estimaveis proprietarios como os jockeys que se apresentaram na raia.

Pela brilhante inauguração podemos prever vida longa ao Hippodromo Fluminense.

No 1º pareo (800 metros) ganhou *Aymoré* em 58 segundos, seguido de *Bitter*, que fez boa carreira.

No 2º pareo *Savana* foi mal corrida e *Crichanú* ponde ganhar com facilidade. O tiro foi de 1,020 metros, feitos em 72 segundos.

Aymoré tornou a sahir victorioso do 3º pareo (1,020 metros) gastando 71 segundos.

No 4º pareo *Barbara*, que estava a principio muito inquieta, resolveu sahir e ganhou bonito os 800 metros em 60 segundos, seguida de perto pelo ligeiro *Rubim*.

No 5º pareo *The Witch*, apesar de mal montada conseguiu bater *Jaguary* e *Aida III*. O tiro foi de 1,700 metros, feitos em 130 segundos.

Regalia levantou o premio do 6º pareo (1,350 metros) e *Africa* na pou le fazer.

No 7º pareo a luta entre *Conde* e *Barbara* foi renhida e aquelle sahio victorioso. A distancia de 800 metros foi feita em 60 segundos.

O jockey Arthur ganhou 4 corridas. Estava de veia.

Parabens ao Hippodromo Fluminense.

Excelente o programma de amanhã no Prado Vlla-Isabel. Ahi vão nossos palpites: No 1º pareo *Boyardo*. No 2º *Françoise*. No 3º *Druid*. No 4º *Fanfaron*. No 5º *Bayoco*. No 6º *Saphira*. No 7º *Savana*.

L. M. BASTOS.

Perguntei-me algumas vezes em que epocha eu desejaria viver, e, depois de uma longa peregrinação de seculo em seculo, voltei sempre ao desenove, ao nosso, ao meu.

FREDERIC PASSY.

THEATROS

EMPRESA MONTEDONIO

Representou-se sabbaio passado no Lucinda, pela primeira vez, o velho drama de Bourgeois e Dugué *A filha dos trapeiros* sob o novo titulo de *O crime de Marselha*.

Montedonio, o actor consciencioso e proveccto, quando organisou a sua companhia dramatica tencionava representar dramas modernos, de valor litterario e comedias finas, peças emfim que honrassem os auctores e os actores. Para começar montou *Os fialgos da casa mourisca*, esse bello drama, extrahido do delicioso romance de Julio Diniz. O drama teve desempenho magistral, a impreença desfaz-se toda em elogios, mas ninguem foi ouvil-o:— completo fiasco. Depois montou *As scenas burguezas*, uma comelia engraçada, moderna.

Egual insuccesso. A' vista d'isso, Monte lonio resolveu arripiar carreira. Em boa hora o fez.

O crime de Marselha é drama para lhe dar muitas enchentes; se lh'as não dá é porque no Recreio continúa a representar-se o formidoloso *Conde de Monte Christo*.

Mas assim mesmo, muito maior do que antes tem sido a concorrência agora ao Lucinda.

A peça é geralmente bem desempenhada e está montada a capricho.

E' pena que um actor do merecimento de Monte lonio se veja obrigado a representar dramalhões antigos para poder sustentar-se e a sua companhia.

Estréa hoje no encaiporado theatro Phenix Dramatica uma companhia idem organisa pela actor Primo da Costa. Representar-se-ão as seguintes peças: *Fogo do céu*, em 3 actos, traduzida do hespanhol, e a sempiterna *Espadela*. E' este o elenco da companhia: «Primo da Costa, Galvão, Flavio Vandec, Murio, Monclar, Teixeira, Araujo, Costa, Silva, Raul, Santos e as Sras. DD. Fanny, Gilda, Gertrudes, Monclar, Augusta e Estephania.

Regente da orchestra—o conhecido maestro Francisco Gomes de Carvalho.»

Mas a grande novidade está nos preços, que são os seguintes:

Camarotes	5\$000
Cadeiras	1\$000
Entrada	500

Com mil demonios! Não pôde haver nada mais barato! Se agora o publico não concorrier á Phenix não será por certo por falta de dinheiro. Salvo se elle entente que os emprezarios devem pigar-lhe pura assistir aos seus espectaculos.

COMPANHIA LYRICA

Apresentou-se ante-hontem no theatro de S. Pedro d'Alcantara a companhia lyrica dirigida pelo artista Pedro Setragni. A opera escolhida para debut foi o *Trovador*. Ao grande calor da noite e ao ser tambem esta opera já muito conhecida do nosso publico deve ser attribuida a falta de concorrência que costuma haver n'uma *première*.

O desempenho dado pelos artistas, se levarmos em linha de conta as difficuldades que,—modestos, como se apresentam,—tiveram a vencer, foi muito accetavel.

E' difficillimo dizer cousas novas em Moral e talvez perigoso dizer cousas velhas em Politica.

VOLTAIRE.

FACTOS E NOTICIAS

Brilhantissima a festa do collegio Menezes Vieira no dia 8 do corrente.

Falta-nos espaço para detalhadamente, como deviamos, occupar-nos com ella. Diremos somente que os numerosissimos assistentes sahiram do collegio encantados com quanto viram e ouviram. Os exercicios gymnasticos, as marchas, os cantos, as provas de aproveitamento a todos satisfizeram, dando exacta idéa do muito que pola educação e pela instrucción da nossa infancia têm feito o Dr. Menezes Vieira e sua Exma. esposa.

Como bem disse S. S. no seu bem elaborado e franco relatorio, ainda estamos longe de apreciar devidamente os beneficios e as excellencias dos modernos methodos educativos, hoje vulgarmente adoptados na Europa e mesmo na Asia. Mas a verdade brilhará, emfim, em todo o seu fulgor, e então ao benemerito educador será feita justiça inteira.

O batalhão dos pequenitos do « jardim da infancia » purtaram-se bravamente, dando á sua maternal professora noções elementares, mas exactas, dos variadissimos objectos e questões sobre que eram arguidos. Permitta-nos-ia, no entanto, a illustrada e gentil senhora uma observação?

Parece-nos que na descripção do plantio e preparo do café, que os seus alumnos fazem com tanta precisão e graça, ha uma grave lacuna. E' esta: não se diz que os homens empregados no Brazil no plantio e preparo do café são *escravos*. Isso daria ensejo a dar aos pequenos exactas noções do que é a *escravidão*, dos seus perniciosos effeitos, do que é a *liberdade* e dos seus maravilhosos beneficios.

E' boa preparar a geração que tem de nos succeder.

Aos nomes dos directores do collegio Menezes Vieira devemos juntar os dos Srs. Arthur de Sá, instructor d'aquella luzida rapaziada e Olavo Freire, ex-alumno e hoje mestre da officina de trabalhos em madeira, do qual, entre outros, apresentou-se um lindo leque que foi sorteado entre as senhoras presentes, cabendo ao n. 1.

Felicitamol-os a todos, pelo esplendido triumpho que foi a festa do dia 8 do corrente.

Do pharmaceutico Sr. Alcibia les Leite recebemos uma caixinha dos seus pós dentrificios intitulados *Alcibiadina*. São levemente rosados, tem um tenue perfume e são insapidos.

Seu auctor afirma que são os melhores pós dentrificios que existem. Como todos os auctores dos outros pós dizem o mesmo, cada um dos de sua invenção, temos por suspeita a opinião do Sr. Alcibiades. Mas se não são os melhores, são, comtudo, muito bons. Clareiam muito os dentes, dan-lo-lhes ao esmalte um lindo brilho de porcellana. Aconselhamos a *Alcibiadina* áquelles a quem Deus não dá nozes: quer dizer aos que têm dentes.

Arthur Duarte, o festejado auctor das *Bohemias* vae publicar novo volume de versos — *Volatas*. Será edictado por Custodio de Souza Pinto.

O excellente collegio Neves, na rua Barão de S. Felix, n. 98, encerra hoje os seus trabalhos, dando férias. Agradecemos o convite com que fomos honrados pelo seu digno director, o Dr. Neves Armond.

TRATOS Á BOLA

Habitús dos Tratos, descançae; descançae, queridos amigos que hoje bem pouco vos amolarei.

Vou tratar de engrolar o meu latim o mais ligeiramente possível. Tanto assim, que vou já dizer quaes foram os decifreadores dos *Tratos* ultimos.

Recebi uma alluvião de cartas, d'esta vez! O numero d'ellas não vem ao caso; portanto...

Decifram as ultimas charadãs os Srs. *Cajá, Marte, Valerius, Madilena Fricinal Vassico, Pepe e Oidivo*, e as Exinas. Sras. *Rotinha* (triste ave gemitiva, que acertou com tudo, menos com o enygma alphabetic; mal sabia que aquelles quadrinhos eram nada menos que uma gaiola, que guardava um seu plumoso collega: um *pintasilgo*, passarinho tão terno e meigo como ella!), *Alexandrina, Bellora, Josephina B.* e mais não disse.

Coube o 1º premio ao Sr. *Pepe* e o 2º ao Sr. *Oidivo* que encerron as decifrações dentro d'este sonetinho:

Vi certa *agricultora*
Curar de enorme gèba
Uma jovem leitora
Com a *cajurubeba*;

Proveio a tal *corcova*
De uma *calamocada*,
Que quasi a poz na cova,
Deixando-a derreada.

Um velho rubicundo,
Sebento, feio, iminundo,
Fôra do crime o auctor.

Sabem porque? A moça
Furtara-lhe, por troça,
Um *pintasilgo*! Horror!!!

Muito bem. São pois as decifrações:
Da *microscopica*:—*Agricultora*.
Do 1º *logogrypho*:—*Cajurubeba*.
Do 2º dito:—*Calamocada*.
Do enygma:—*Pintasilgo*.

Agora queiram decifrar estas novas *tratices*:

ACFUAES

Sou do... 2—Grudo; 1—na musica, formado.
Tenho 9 letras e 4 syllabas: cubro.

Isto é ainda mais uma novidade do um frade que se julga o mais feliz dos frades! Pois se elle é tão protegido pela santa de suas devoções!... Pois se Deus está agora fazendo chover venturas sobre a sua cabeça!... Uma d'ellas, é o prazer de vos aturar, leitores, e com especialidade a D. Josephina B. cuja alma hei de fazer com que vá direita ao céu.

Agora expliquemos a charada:
Está visto, pelo que ella apresenta, que a coisa que se pretende achar, tem, segundo resa o conceito, 9 letras e 4 syllabas e cobre e pertence a quem quer, ou ao que quer que seja que se acha embuçado na capa da charada acima, que tem tres syllabas. Ponhamos o negocio ás escancaras: O objecto a decifrar pertence ao *soldado* que é a decifração da charada de cima (pois pode-se dizer que estas charadas são duplas): 2 Grudo—é *solda*, 1 na musica—é *do*; formado—é *soldado*. Qual o objecto do soldado que tem aquelle numero de syllabas e cobre? Barretina, não é verdade? Eis ahi a coisa decifrada.

Agora vae uma que não chega a ser difficil como quatro pregos e meio:

Sou do... 1—Alegro a vista, 1—e ando no ar, dos viventes.

Tenho 3 letras e uma syllaba: agarro.

ANLIGA

A minha primeira—2
Possue a segunda—2
O todo que é planta
Nos parques abunda.

DECAPITADA

(Por syllabas)

Ella é mulher—mas... comquanto alta,—esta mulher—está contrahida.—

ANAGRAMMA GEOGRAPHICO

Lá do *cacho*—*Aura* e *geira*,
Aranha—*A margem caçar*,
Guy he jaca—*Até tuba e pá*,
‡*Dava pino, nham*—*Pegue tinta, baga*.

Formar com estas phrasas truncadas os nomes de 9 terras do Brazil.

TIBURCIANA

2—2—Acima, sem ficar nada por cima.

PREMIOS

Ao 1º decifrador *Margaritas*, versos de D. Adelina Vieira.
Ao 2º—*O Gran Galeoto*.

FREI ANTONIO.

RECEBEMOS

— *Noticia da vida e trabalhos do naturalista brasileiro J. Barbosa Rodrigues*, por A. J. Ferreira da Silva, lente da Academia Polytechnica do Porto. 1885. Traz um bom retrato do illustre naturalista.

— *Revista de Engenharia*, ns. 124, 125 e 126. Publicação quinzenal, sob a direcção do engenheiro civil José Americo dos Santos. Rio de Janeiro.

— *Ensayo pratico da Lingua materna aos surdos mudos*, pelo Dr. Menezes Vieira. Rio de Janeiro, 1885. É digna de todo o louvor esta pequena obra. A sua melhor recommendação é o nome de seu auctor, que tanto tem feito em prol da instrucção e vio coroado do melhor exito os esforços que de ha muito emprega para dar lingoagem articulada aos mudos.

— *Correio da Europa*. Edição do Brazil, n. 23. 6º anno. Director, Pedro Correia. Alguns retratos, muitos artigos litterarios e biographicos; muitissimas noticias.

— *O Guizo*, «Bico d'obra», publicado por muitos e pago por poucos. Periodico da Democracia que rende preito ao Deus Momo, e que por sua ordem vive:

«Com a farinha da troça

Enfarrinhando-lhe a cara...»

Dá a pacata burguezia, salvo seja! Vá tratando de ensurdecer a seriedade com os seus zabumbas, collega, e... saudinha, sim?

— *O Mequetrefe*, n. 392. Sempre cheio de graça o amavel collega. Traz um bello soneto do nosso estimado collaborador, o poeta Alberto de Oliveira.

— *Distração*, n. 60.

— *O Gaturamo*, N. 1. Organ humoristico, litterario e noticioso, publicado na Villa de Sapucaia ou, digamos melhor: saltitante passarinho que, sobre os galhos da sapucaia, trilla, arrufando sa azas vermelhas, que muito melhor lhe assentariam, se fossem brancas. Não lhe aconselhamos que mude de opiniões, mas pelo menos, que mude de cor. Veja se troca por espirito tudo quanto nos dá em papel vermelho e verde.

— *O Libello do Povo*, por Timandro; commentado por Anfriso Fialho. Rio de Janeiro, 1885.

— *Perseverança Brazileira*, Associação garantida pelo Governo Imperial, por sua immediata fiscalisação; pequeno folheto que trata dos interesses geraes d'esta associação.

— *Gil Braz de Santilhana*, fasciculos ns. 14 e 15.

— *A Villa de Vallongo aos seus compatriotas residentes no Brazil*, numero unico, dirigido por

M. Pintoda Fonseca. Representa a confratersuação dos filhos de Vallongo, d'aquem e d'alem mar, na reacção contra a Camara Municipal d'aquella villa. Traz uma primorosa e finissima estampa phototypica, representando o panorama da villa de Vallongo.

— *O Domingo*, de S. João d'El-Rey, ns. 11 e 12. Não desmerecem dos anteriores. Um energico e bem pensado artigo de Jorge Rodrigues sobre Alfonso XII; um interessante conto de Juss. Braga, e outras cousas muito agradaveis, em prosa e verso.

— *Corymbo*, revista mensal, n. 6. Rio Grande do Sul, propriedade e redacção de Revoceta A. de Mello. Muito digno de ler-se: um delicado conto de Damasceno Vieira e uns mimosos versos de Vicente de Carvalho—entre outros bons artigos. Sente-se no *Corymbo* a falta de um summario, que é indispensavel em publicações d'esta natureza.

— *Bibliotheca do Povo e das escolas*, n. 116 — *Arte dramatica* por Manoel de Macedo. Editor D. Corazzi.

— «*Littre*, commemoração do 4º anniversario da morte do cheie da philosophia positiva»; 1881—1885. pelo Dr. Lycurgo dos Santos. S. Paulo.

— *O alumno*, organ litterario do «club Cognego Belmonte» n. 1. Bravos, colleginha! Desejamos-lhe muitos louros e que não mais seja impresso em papel amarelo.

— *Considerações sobre o emprego da antipyrina nas febres palustres e nas affecções broncho-pulmonares*, pelo Dr. Vieira de Mello. É um trabalho extrahido da «União Medica», e escripto a proposito de uma publicação recente do Sr. Dr. Clemente Ferreira, á qual o nosso collaborador Dr. Sahen responde no presente numero.

Agradecemos.

CORREIO

— Sr. *Martiniano Ernesto de Almeida* (neto de um Tupinambá). Mesmo que o Sr. não nos tivesse declarado a sua origem, quer nos parecer quo o arrojio de sua lingoagem ter-nos-ia feito adivinhal-a. Muito bem, meu bravo selvagem! fale-nos sempre assim que isto é que é bom falar!

Parece-nos até que não é a penna, mas sim o *tacape* ou a *tambarana* o que Sr. maneja com a sua possante mão tostada pelas soalheiras que retorcem as ramalhadas as invias selvas americanas. Infelizmente não podemos (por falta de espaço, já se deixa ver) não podemos contemplar-o publicando a sua «proclamação». Tambem de que serve? E' proclamar no deserto.

— Sr. *Motta Val-Florido*. A idea do seu soneto: «Parricida» é original e boa, mas a cousa é a forma; é na forma que pega o carro. Veja se consegue escolmal-a dos senões que a deformam talvez possamos reservar-lhe um logar na *Collaboração*. É necessario, porém, que venha inteiramente reformada.

Mas para mostrar-lhe que uem sempre condemnamos ao ostracismo o que se nos manda para ser publicado, vamos, por falta absoluta de espaço em outra secção, dar aqui mesmoo seu sonetinho:

TEMPORA MUTANTUR

(IMITAÇÃO)

D'antes cantava Pedrita,
Com sua voz modulada,
A sonora ballada
Da faceira hespanholita...

Com seu lacinho de fita
Sobre a madeixa anellada,
Jámais lhe fora levada
A palma em gosto. Catita!

Depois Pedrita fugio,
E ninguem soube p'ra onde
E ninguem mais a ouviu.

Ai! hontem vi-a no bonde:
Ingrata! Não me sorrio
Por ter ao lado o visconde!

M. Val-Florido.

— *Sr. Fabio Rios.* Per ora não lhe respondemos em definitiva sobre a publicação do seu soneto (que é, — valha a verdade — um pouco gracioso como quanto fraquinho) por querermos ver se conseguimos arranjar-lhe um lugar na sala de espera. Talvez possa dal-o na *Collaboração*.

Nada se perde em esperar.

— *Sr. F. M. C.* Por achar-se inçada de versos errados, deixamos de dar á estampa a sua « *Contemplanção*. » Em todo caso, se quizer dar-se ao trabalho de limal-a, recompondo os versos errados, em summa: se conseguir refundil-a inteiramente, nada nos custará publical-a.

Cá ficamos ás ordens.

— *Sr. Carlos S. de A. Brotero.* Não desgostámos da sua poesia « *Soffrimento* » comquanto já esteja muito estafado o assumpto. Acharol-a bem executada, á parte um ou outro descuido de metro, e publical-a-iamos com prazer se não fosse tão estirada. Dez estrophes! oh! é muita cousa. Mande-nos trabalho curto e um pouco mais cuidado na forma, que será publicado.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças. — Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residência: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo, Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Beco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

O Solicitador provisionado Olympio Theodoro de Araujo encarre-se gade liquidações judiciaes e amigaveis em qualquer ponto do Sul de Minas, trata de negocios forenses nos municipios de S. Gonçalo do Sapucahy e Campanha.

Pöde ser procurado na cidade da Campanha, rua do Franco.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRECÇÃO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pöde ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

O COLLEGIO PUJOL

NA

ESTAÇÃO DOS MENDES

(E. F. D. PEDRO II)

reabre-se a 10 de Janeiro de 1886, entrando no 17º anno de sua existencia.

Curso completo de preparatorios e especial de noções de sciencias physicas e naturaes.

Nota — Não admitte alumnos maiores de 15 annos.

Os estatutos encontram-se na livraria Faro & Lino e no escriptorio desta folha.

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

FOLHA DIARIA, CONSGRADA AOS INTERESSES PROVINCIAES

Redactores:

Moniz Freire e Cleto Nunes

Tiragem 1500 exemplares

Discute os interesses provinciaes, publica na integra os debates da Assembléa Provincial, dá resumo completo de todo o movimento administrativo do governo da provincia, mantem um serviço telegraphico com a capital do Imperio, e tem correspondentes na Corte, em Pariz, no Recife e em todas as localidades da provincia.

Assigna-se a 12\$000 por anno (sem sello) e 15\$000 com sello.

Por sua elevada circulação, até agora não attingida no Espirito-Santo por outro qualquer jornal, *A Provincia* recommenda-se á preferencia dos Srs. negociantes, industriaes, etc., para inserção de annuncios, reclames, avisos, etc.

Correspondente em Pariz

PARA ANNUNCIOS E RECLAMES
O **Sr. Alberto Lorette** — Rua de Ste. Anne, 51 bis. No Rio de Janeiro Dr. Deolindo Maciel, rua da Alfandega n. 155 (2º andar) e B. T. Magalhães Bastos, rua do Rosario 125.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO:

Rua do Commercio 31 (1º andar)

VICTORIA

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARAO DE ITAPAGIPE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, lugar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio a quem os solicitar á directoria.

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
EM PARIZ

REDACTOR EM-CHEFE: Lopes Troador.
ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. 10\$000
Seis mezes 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

COLLEGIO NEVES

Instrução Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerece as melhores condições hygienicas.

Recebe internos, externos, e meio pensionistas.

Leccionam habéis e zelosos professores.

Rua Barão de S. Felix n. 98

RELOJOARIA

DE

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

Casa acreditada para concertos de relogios

67 RUA DA ASSEMBLEA 67

A PENNA DE OURO

Papel, livros em branco, typographia, encadernação, pautação, objectos de escriptorio e de fantasia.

Francisco Leonardo Gomes

82 RUA DO OUVIDOR 82

AGENCIA D'A SEMANA

DR. F. PESSANHA
CLINICA MEDICA

CHAMADOS A QUALQUER HORA

Consultorio e residencia

28 Qua da Alfandega 28

RECADOS—QUITANDA 86

JUVENATO OURO-FINENSE

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

NA

Provincia de Minas

A CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULO

Ensino pratico das linguas, intuitivo das sciencias.

Preparo das faculdades pelas (LIÇÕES DE COUSAS).

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é pagavel o tempo da frequencia de cada alumno.

O 2º anno lectivo começa a 3 de Novembro proximo.

Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro de 1885.

O DIRECTOR.—Antonio Francisco Furtado de Mendonça Filho.